



A ANTIGA SEDE DA REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA: ENTRE A HISTÓRIA E A MAQUETE^v



RESUMO

O artigo apresenta os resultados da pesquisa desenvolvida por docentes e discentes do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) em 2008. O texto versa sobre o edifício que abrigou a sede da Reitoria da Universidade Federal de Juiz de Fora no período compreendido entre 1966 e 2005, sendo requalificado posteriormente para abrigar o Museu de Arte Moderna Murilo Mendes. É fruto da pesquisa intitulada **Modelo Tridimensional - Estudo dos Objetos Arquitetônicos e Urbanísticos**, que aborda a construção do patrimônio arquitetônico e urbanístico da cidade de Juiz de Fora e seu diálogo com o pensamento arquitetônico da época. Para tanto, faz-se considerações sobre a pesquisa bibliográfica (levantamento de dados históricos, reportagens, entrevistas, imagens e vídeo); sobre a pesquisa técnica (documentação de projeto, plantas, desenhos, reformas e alterações); sobre a pesquisa *in loco* (documentação da edificação na atualidade); e, finalmente, sobre a elaboração da maquete - objeto miniaturizado - construído da análise acurada do edifício e seu entorno. Os resultados obtidos convergem para o potencial da maquete física como ferramenta didática de auxílio ao ensino de questões espaciais, em específico, para a pesquisa aqui apresentada, questões espaciais relativas ao terreno.

Palavras-chave: Maquete de arquitetura. Maquete de estudo. Ensino em Arquitetura e Urbanismo.

1 INTRODUÇÃO

Juiz de Fora teve um acesso tardio à estética modernista na Arquitetura. Durante a primeira metade do século XX vigoraram outras formas da modernidade como o *Art Nouveau* e, principalmente, o *Art Déco*. Antes da criação da Universidade Federal de Juiz de Fora (primeiramente nomeada de Universidade de Juiz de Fora), as faculdades existentes, na cidade, ocupavam edifícios que ainda

^v Artigo recebido em 07 de março de 2016 e aprovado em 25 de junho de 2016.

* Doutoranda em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente de Arquitetura e Urbanismo do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). E-mail: <alinemarques@pucminas.cesjf.br>.

demarcavam a presença do ecletismo na formação do centro urbano. A Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, criada em 23 de dezembro de 1960, pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, através da lei 3.858, teve importante papel na consolidação do movimento urbano da cidade, na medida em que construiu seu **edifício-sede**. Posteriormente, retomou sua importância quando, na construção de seu campus. Novamente, os ideais modernos são referências fundamentais, de forma mais ampla, tanto na arquitetura quanto no projeto urbanístico.

Os primeiros passos para a formação da Universidade Federal de Juiz de Fora foram dados pelos Diretores e Professores Catedráticos das Faculdades de Direito, de Medicina, de Farmácia e Odontologia, de Ciências Econômicas e Escola de Engenharia, que lhe foram agregadas, juntamente com o seu primeiro Reitor, professor Dr. Moacyr Borges de Mattos, então Diretor da Faculdade de Direito.

Para contornar os problemas de falta de verbas oficiais para colocar a Universidade em pleno funcionamento, o Magnífico Reitor, instalou seu primeiro gabinete na Faculdade de Direito, localizado à Rua Santo Antônio, 1112, nomeando para a função de 1º Secretário Geral da Universidade Federal de Juiz de Fora, o Funcionário Hamleto Mazócoli, ex-secretário da Faculdade de Direito (MAZÓCOLI, 1998).

Com a preocupação de liberar parte das instalações ocupadas pela Universidade na Faculdade de Direito (onde o Salão de Leitura foi cedido lugar à montagem da Divisão de Contabilidade e outros serviços da Universidade, a Sala do Secretário para o Gabinete do Magnífico Reitor e a Sala de Reuniões da Faculdade em Sala de Reuniões do Conselho Universitário da UFJF) e, pela expansão do serviço da Universidade, a Reitoria necessitava, com urgência, de novo endereço. Foi assim que, em 17 de setembro de 1962, instalou-se a primeira sede da Reitoria, ocupando o 3º andar do edifício do Banco Mineiro da Produção, situado à Rua Halfeld, 414, por três anos, em comodato cedido pela direção do Banco à Universidade (MAZÓCOLI, 1998).

Permanecia a necessidade de instalar, uma sede própria da Reitoria, mesmo que provisória, enquanto não se construía a Reitoria definitiva no campus. Logo após a aquisição do terreno foi aberta por edital de 20 de julho de 1964, a 1ª

Concorrência Pública para a construção de seu edifício-sede segundo o Diário Mercantil de 14 e 15 de fevereiro de 1965. Com um orçamento estimado em CR\$ 191.903.500,00 e com o término das obras fixado para o mês de março de 1966, a Universidade Federal de Juiz de Fora, em 23 de dezembro de 1964, realizou a cerimônia de inauguração das obras de construção do edifício-sede de sua Reitoria (MAZÓCOLI, 1998).

Figura 1 - Lançamento da Pedra Fundamental da Reitoria. Da direita para esquerda: Prof. Arthur Arcuri, Prof. Irineu Lomar, Jornalista Albertino Vieira, Hamleto Mazócoli, Prof. Moacyr B. Mattos e o Prefeito Adhemar Resende de Andrade.



Fonte: MAZÓCOLI, 1998

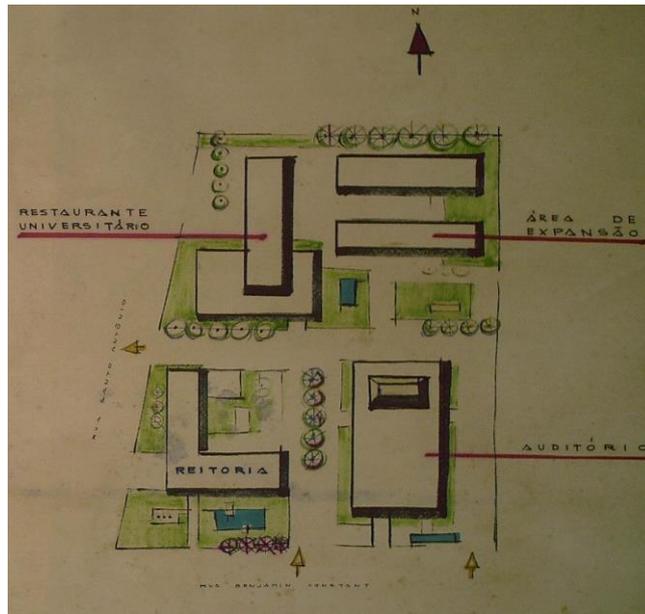
2 ARQUITETURA EM DIÁLOGO COM A ARTE

Ao propormos o presente Anteprojeto, foi nosso intuito dotar a cidade de um centro de divulgação cultural com o caráter distintivo que uma sede de Universidade exige. Considerando ainda o terreno previsto – esquina das ruas Benjamim Constant e Santo Antônio – possivelmente o melhor que a cidade pode oferecer, cabe-nos aproveitá-lo arquitetonicamente bem. Não somente quanto ao aspecto exterior, mas na procura de uma solução flexível e facilmente adaptável às novas funções quando da transferência da Reitoria para a cidade universitária (UFJF, 1964).

O projeto da Reitoria foi realizado pelos Engenheiros Nicolau Kleinsorge e Waldemar Bracher, pelo Arquiteto Décio Bracher (na época, acadêmico do curso de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais) e, pelo técnico de Engenharia, Carlos Bracher (UFJF, 1964). Vale ressaltar que os Engenheiros Nicolau Kleinsorge

e Waldemar Bracher eram integrantes da equipe técnica do Serviço de Engenharia da UFJF, responsável pelos projetos relacionados à Universidade, inclusive pelo projeto da Sede da Reitoria.

Figura 2 – Anteprojeto da sede-edifício da Reitoria e futuras construções propostas.



Fonte: (UFJF, 1964). Foto Saulo Monteiro C. Dias 11/04/07

Em janeiro de 1964, enquanto desfrutava as férias escolares em Juiz de Fora, Décio Bracher juntou-se a equipe de trabalho, sugerindo a ampliação da ideia inicial do projeto, que seria apenas de um galpão melhorado para abrigá-la enquanto não se construía a sede definitiva no campus da UFJF, optando por projetar “um centro de divulgação cultural com o caráter distintivo que uma Sede de Universidade exige”, como consta na memória descritiva do anteprojeto do edifício-sede da Reitoria, apresentado ao Magnífico Reitor, Dr. Moacyr Borges de Mattos e ao Engenheiro Chefe do Serviço de Engenharia da UFJF, Eng. Luiz Fernando Surerus. “Como vinha de família de artistas, resolvi botar uma sala de exposição e um auditório para teatro e música, além de palestras” disse Décio Bracher (FERNANDES, 2006).

Músico e artista plástico aspirava, como todos os artistas de sua época, por um espaço adequado para as apresentações e exposições das artes visuais, música

e artes cênicas que fervilhavam na cidade. “Na época da construção, não havia salas projetadas para exibição de arte na cidade, apenas galerias improvisadas” (FERNANDES, 2006).

“Foi um projeto ousado para a época, em função do que havia sido proposto. A intervenção de Décio foi definitiva para que o Reitor Moacyr Borges de Mattos aceitasse a proposta, já que a universidade tem comprometimento social e cultural intrínseco” afirmou Carlos Bracher (FERNANDES, 2006).

Figura 3 – Anteprojeto - planta do andar térreo.



Fonte: (UFJF, 1964). Foto Saulo Monteiro C. Dias 11/04/07

Enquanto a sede-edifício da Reitoria ainda estava em construção, as artes plásticas receberam um grande impulso. Em 1965, a família Bracher fundou a “primeira Galeria de Arte de Juiz de Fora em moldes profissionais, a Galeria de Arte Celina, espaço humano de convivência artística, verdadeiro centro cultural” em homenagem a Celina Bracher, irmã de Décio, que faleceu prematuramente em março do mesmo ano.

No ano seguinte, em 28 de maio, a Universidade Federal de Juiz de Fora inaugurou a Sede da Reitoria, com a presença do Presidente da República Humberto de Alencar Castello Branco e diversas autoridades.

Figura 4 – Término da Solenidade de Inauguração da Sede da Reitoria da UFJF.



Fonte: Foto Roberto Dornelas UFJF 1966.

Com sua formação acadêmica concomitante à experiência adquirida junto aos familiares, Décio Bracher deixou marca indelével em seu projeto que, conforme Fernandes (2006). “(...) mesmo durante as quatro décadas de uso “provisório”, o espaço da UFJF serviu à cultura (...)” e facilitou, recentemente, sua adaptação para o Museu de Arte Moderna Murilo Mendes (FERNANDES, 2006).

A atitude visionária de Décio permitiu ao espaço, 40 anos depois estar preparado para receber um acervo de importância internacional, constituído pelo maior conjunto de obras modernas ingressado no país na segunda metade do século XX (FERNANDES, 2006).

3 REQUALIFICAÇÃO – UMA NOVA FASE DA HISTÓRIA

O MAM foi criado com o objetivo de se obter condições técnicas adequadas para a preservação e divulgação dos acervos do poeta Murilo Mendes, até então alocados no Centro de Estudos Murilo Mendes (CEMM). Com instalações e equipamentos modernos, envolvendo sistemas de segurança, salas de exposição, bibliotecas, salas de pesquisa, reserva técnica, laboratórios de restauro, oficina de arte e literatura e loja, o MAM

potencializa a visibilidade de seu acervo e amplia a sua disponibilidade à pesquisa, dinamizando seu acesso¹.

Figura 5 - MAM - Museu de Arte Moderna Murilo Mendes.



Fonte: Foto Saulo Monteiro C. Dias 07/03/07

Em setembro de 2005, a ideia inicial do projeto de um centro de divulgação cultural foi renovada com a transferência da Reitoria da UFJF para o *campus*, propiciando a criação do MAM, para abrigar o acervo do poeta Murilo Mendes, um dos mais expressivos de Arte Moderna do Brasil, que é um patrimônio de inquestionável valor para Juiz de Fora. Neste sentido, foi necessário um estudo detalhado de reestruturação interna para criar condições técnicas adequadas para a preservação, valorização e divulgação do acervo existente.

O projeto foi elaborado pelo arquiteto Sebastião Lopes² que, demonstrando grande preocupação com o valor arquitetônico e histórico da edificação, procurou revitalizá-la preservando todos os seus elementos arquitetônicos originais. “A reforma foi muito fácil de executar, pois os espaços amplos atendiam plenamente às

¹ MAM - Museu de Arte Moderna Murilo Mendes. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/procult.php?centro=proreitorias/procult/mam>>. Acesso em: 12 out. 2007.

² Especialista em planejamento e projetos de edifícios educacionais. Disponível em: <<http://www.sebastiaoopes.com.br>>. Acesso em: Jul. 2007.

demandas para instalação adequada do acervo (...)” relatou Valéria de Faria Cristofaro (FERNANDES, 2006).

Na parte externa pouco foi alterado, o arquiteto apenas procurou realizar um minucioso trabalho de limpeza. Após a retirada dos aparelhos de ar-condicionado, restaurou os revestimentos próprios da fachada, redesenhou os jardins, diminuiu o volume de vegetação vertical permitindo assim, uma maior visibilidade das fachadas principal e laterais. Os mastros para o hasteamento das bandeiras, o jardim, o espelho d’água e os passeios que ligam às entradas, assim como o pequeno gradil que circunda o edifício, são os mesmos desde a inauguração do Edifício.

Os ambientes internos foram redimensionados para melhor atender às necessidades do conjunto de serviços (galerias, bibliotecas, salas de pesquisa, arte e literatura, laboratórios, sala de souvenirs, publicações e administração, além do anfiteatro com as novas e confortáveis cadeiras, palco e camarim, já existentes) que envolve todo o complexo do MAM, buscando oferecer, ao público pesquisador, condições favoráveis de acesso, estudo e apreciação estética. “O uso para o museu necessita de alguns tratamentos específicos de iluminação, de acústica, de controle da climatização interna que nem sempre existem em outros ambientes e que não existiam no edifício que abrigou a Reitoria (...)” (MARQUES, 2007).

O projeto de adaptação seguiu o projeto respeitando todas as exigências necessárias para a construção de um museu. A parte de iluminação foi totalmente repensada com controle do nível de luminância apropriado para as áreas das obras de arte. A temperatura e a umidade foram rigorosamente controladas por um moderno sistema de equipamentos situados nos ambientes de exposição, conservação e restauro das obras. A parte elétrica e a de lógica foram refeitas dentro de novos parâmetros tecnológicos. Os ambientes, com sonorização, receberam isoladores acústicos e as instalações do prédio foram equipadas com um sistema de vigilância, com monitoramento por câmeras de vídeo, central de alarme e detecção de fumaça. O saguão principal do museu é o mesmo espaço (180 m²) concebido no projeto original da Reitoria que já funcionava como espaço para eventos, exposições e mostras da produção da própria Universidade.

Figura 6: Evento realizado no saguão principal da Reitoria.

Fonte: Foto Roberto Dornelas UFJF

A adaptação do saguão, hoje Galeria Retratos-Relâmpago, foi feita sem maiores problemas por conta da estrutura do edifício em si, das dimensões e do pé direito do ambiente, assim como pelas características próprias do projeto original que possibilitaram grande flexibilidade na montagem dos trilhos de iluminação para o adequado direcionamento e dosagem da luz artificial, dos aparelhos controladores da temperatura e umidade, entre outros.

Para melhor percepção do espaço, os ambientes de exposição foram pintados em cores cuidadosamente escolhidas pelo arquiteto e pela Prof.^a Valéria de Faria Cristofaro então Coordenadora do Centro de Estudos Murilo Mendes (CEMM).

O edifício também passou por uma pintura geral e o piso, com revestimento em madeira das áreas de exposição, foi substituído para evitar a proliferação de pragas (cupins). Os banheiros foram reformados e receberam instalações adaptadas aos portadores de necessidades especiais, assim como o elevador foi conservado e mantido sob constante manutenção.

Em 20 de dezembro de 2005, a UFJF realizou a cerimônia de inauguração do MAM, após investimento de R\$ 1,2 milhão na proposta museológica e espaço público.

**Figura 7 – Inauguração do MAM.**

Fonte: www.acesa.com/xiis/?page=especiais&nome=mam

Atualmente, o Museu conta ainda, com espaços dedicados às necessidades específicas da própria Universidade como a Editora da UFJF, o Centro de Estudos Ibero-Americanos, o Museu de Arqueologia e Etnologia Americana, além do Gabinete do Reitor e a Sala de Reuniões do Conselho Universitário mantidos pelo arquiteto Sebastião Lopes, como prova do resgate histórico da construção.

Na comemoração de um ano da fundação do Museu de Arte Moderna Murilo Mendes (dez. 2006) os amplos, arejados e adaptáveis salões do antigo prédio da Reitoria, foram visitados pelo arquiteto Décio Bracher, que comentou “pela primeira vez olhei para o prédio com olhar crítico. Vejo que ele envelheceu com dignidade e está ainda mais belo hoje. É a vitória da simplicidade sobre a sofisticação” (FERNANDES, 2006).

Figura 8 – Décio em visita ao MAM Murilo Mendes.



Fonte: Foto Henrique Viard 16/12/06 - Fonte: Tribuna de Minas

4 EXPERIMENTO FÍSICO: A MAQUETE ARQUITETÔNICA

(...) o campo da representação tridimensional, através das maquetes, é um campo que tradicionalmente, se encarrega de fazer compreender as relações espaciais, os volumes e em geral, as características de um espaço e de um ambiente que ainda não existe ou se encontra distante e, por tanto, não é acessível pela experiência direta (CONSALEZ, 2000).

Baseado na possibilidade de despertar no expectador um olhar diferente sobre a cidade, aguçando o interesse por sua história, sua cultura e seu patrimônio, optou-se por representar o edifício-sede da Reitoria da UFJF (hoje MAM Murilo Mendes) também em forma miniaturizada (70X70 cm aproximadamente), executada

na escala 1/100, proporcionando uma leitura rápida e precisa do todo e uma fácil identificação dos elementos utilizados no projeto.

Devido à impossibilidade de acesso aos desenhos do projeto arquitetônico³ original do edifício-sede da Reitoria, as informações necessárias à elaboração da maquete física do mesmo foram obtidas de forma comparativa. A comparação foi feita através das fotografias das etapas da construção e da inauguração da obra, da documentação do Anteprojeto da Reitoria e dos dados coletados pelas visitas *in loco* executadas pelos bolsistas. Este levantamento de dados foi suficiente para redesenhar o edifício possibilitando a execução da mesma, pois poucas alterações foram feitas na estrutura original do edifício gerando uma maior fidelidade da maquete ao Projeto.

Em função da extensão do terreno optou-se por executar apenas a área-limite relacionada com o edifício-sede que inclui as ruas Santo Antônio e Benjamin Constant. Incluem-se, portanto, as áreas de acesso, jardins, espelho d'água e também, o anexo posteriormente construído na parte dos fundos do edifício, representado por um bloco transparente, demarcado por suas proporções junto ao corpo da edificação.

Uma equipe de trabalho composta pelos bolsistas do Projeto de Pesquisa e pelo aluno-colaborador, igualmente envolvido no trabalho, executou a maquete utilizando as instalações e a estrutura do Laboratório de Maquetes e Modelos do Curso de Arquitetura e Urbanismo do CES/JF.

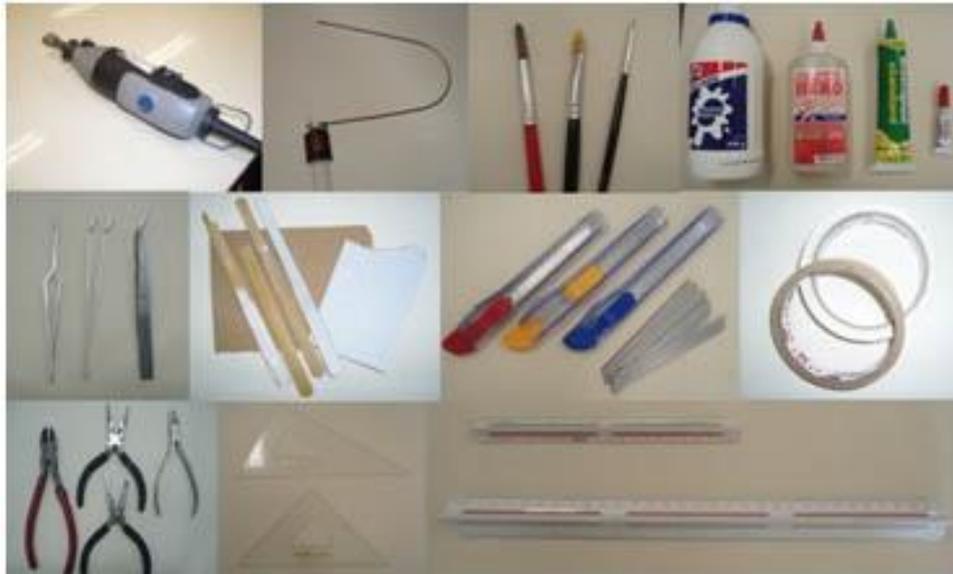
A maquete foi realizada em tons monocromáticos, representados por diferentes materiais com suas texturas e hachuras onde cada peça foi analisada e trabalhada para alcançar de forma clara a aparência específica da parte referente do edifício. Os materiais essenciais à estrutura da maquete foram pintados, adesivados ou revestidos para melhor representar as especificações do projeto analisadas na pesquisa *in loco*.

Os bolsistas fizeram protótipos para análise de quais materiais seriam utilizados na maquete. Aliando a criatividade e a técnica foi possível obter resultados

³ A inacessibilidade ao Projeto Arquitetônico original resultou na falta de informações relevantes à pesquisa. Entre elas, a confirmação da ficha técnica de autoria do mesmo.

satisfatórios de representação com a utilização de diferentes instrumentos para a execução da maquete.

Figura 9 - Micro-retífica, cortador de isopor, pincéis, colas, pinças, lixas, estiletes, fitas adesivas, alicates, esquadros e escalímetros.



Fonte: Acervo dos autores

O processo de execução foi dividido em duas frentes de trabalho, uma em relação à base e a outra relacionada ao edifício propriamente dito. Para montar a base, foram considerados os diversos elementos de implantação, assim como os desníveis de piso e os diferentes níveis em diversos pontos do terreno.

Foto 10 - Sequência de montagem da base da maquete.



Fonte: Acervo dos autores

As peças do edifício foram recortadas manualmente, seguindo os moldes das fachadas impressos anteriormente na escala 1/100. Após a compatibilização e a conferência dos desenhos, as peças foram recortadas e numeradas. A pintura das

peças, adesivagem e preparação das esquadrias no acetato foram as fases seguintes.

Foto 11 - Recorte e numeração das peças.

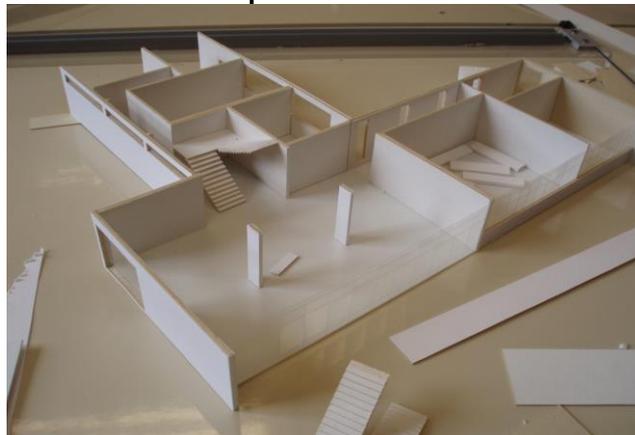


Fonte: Acervo dos autores

Depois da preparação de cada peça, iniciou-se a montagem e adequação das peças. A precisão foi essencial nesta etapa, pois pequenos ajustes foram necessários para dar melhor qualidade e acabamento à montagem do edifício.

Internamente, a maquete apresenta apenas as paredes de fechamento dos espaços principais, sem portas ou vãos, facilitando a estruturação e o alinhamento entre os pavimentos. A escada é representada em todos os pavimentos enfatizando a sua importância na integração entre os espaços.

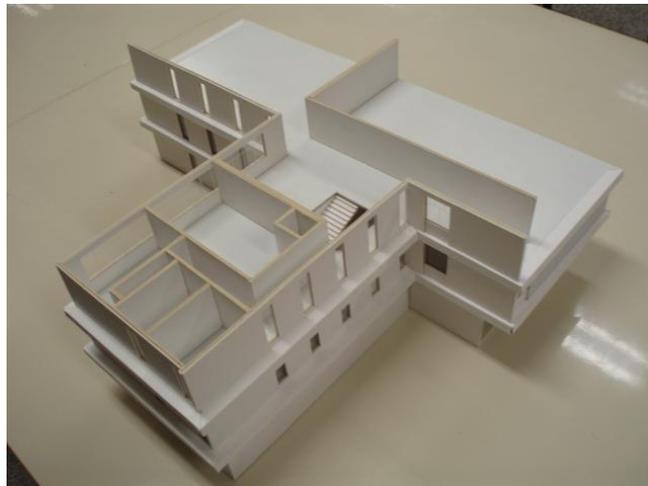
Foto 12 - Primeiro pavimento – divisões internas.



Fonte: Acervo dos autores

Nas fachadas, as aberturas são identificadas pela fidelidade ao edifício, assim como os materiais de revestimento, que apesar de sua característica monocromática, mostram de forma clara a aplicação de diferentes texturas. A montagem da maquete foi executada por pavimentos. Cada pavimento foi totalmente finalizado para então dar início ao próximo. Os beirais foram utilizados como acabamento entre os planos de fachada dos diferentes pavimentos. Para isso, foi utilizado o papel Canson branco que, vincado, proporciona um acabamento fino e preciso.

Foto 13 - Montagem dos três pavimentos.



Fonte: Acervo dos autores

O fechamento da cobertura foi baseado em imagens coletadas do edifício durante a pesquisa. Por falta de acesso, não foi possível fazer o levantamento *in loco* das medidas. O telhado fica embutido entre as platibandas laterais que seguem o mesmo padrão de borda de laje dos demais pavimentos.

Foto 14 - Maquete em fase de finalização.



Fonte: Acervo dos autores

O trabalho de finalização da maquete contou com detalhes de acabamento, os gradis e a vegetação. A vegetação foi executada com o objetivo de ilustrar a atualidade, considerando a diversidade, proporção e densidade. Optou-se pela escolha de dois tons de verde, ambos claros e neutros, para não interferir e/ou competir com o edifício. A vegetação e os acessos definem o entorno enriquecendo a paisagem.

Foto 15 – Gradil na maquete.

Fonte: Acervo dos autores

Foto 16 – Vegetação na maquete.



Fonte: Acervo dos autores

Por fim, trabalhar na execução e na montagem do modelo miniaturizado do edifício em estudo é um exercício de extrema importância para melhor compreensão e análise do mesmo. Simples em suas formas retas, mas complexo na riqueza de seus detalhes. Harmônico em seus materiais e, coerente e funcional em seus espaços. Assim é a análise estética e estrutural do edifício foco desta pesquisa.

A obra, em pequena escala, fala por si só, propiciando o desenvolvimento da percepção das importantes características desse espaço de prestígio que abrigou por tantos anos a Reitoria da UFJF.

Foto 17 – Maquete finalizada, escala 1/100



Fonte: Acervo dos autores

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do projeto de pesquisa “Modelo Tridimensional - Estudo dos Objetos Arquitetônicos e Urbanísticos” que está inserido na linha de pesquisa “Processos e Representação de Projetos em Arquitetura e Urbanismo” do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, teve-se a oportunidade de abordar o processo histórico que envolve o edifício que, primeiramente, sediou a Reitoria da Universidade Federal de Juiz de Fora (1966 a 2005) e atualmente abriga o Museu de Arte Moderna Murilo Mendes. A abordagem desta trajetória permitiu compreender que questões discutidas no processo de concepção do projeto, foram determinantes para o sucesso da edificação na atualidade, visto que tais questões permanecem respeitadas pelo processo de requalificação que o edifício passou devido às necessidades específicas exigidas por um Museu.

Como dizia Mário de Andrade “defender o nosso patrimônio histórico e artístico é alfabetização”. O edifício-sede da Reitoria é um patrimônio de inquestionável importância no âmbito da cultura arquitetônica da cidade de Juiz de Fora. Desde a sua inauguração qualificou o seu entorno, estabelecendo com ele uma forte relação. As características do edifício, sua função, localização e envolvimento com a arte, cultura e a ciência, fizeram dele um local de referência que faz parte da vida do cidadão juiz-forano, mesmo daquele que nunca o adentrou.

A pesquisa da concepção e das ações de requalificação, para as condições técnicas adequadas para a preservação e divulgação do acervo do Museu de Arte Moderna Murilo Mendes, não se restringiu apenas à edificação. Procurou-se abranger, especialmente, toda a documentação referente à história dessa construção e das intervenções executadas gerando um vasto arquivo bibliográfico e técnico.

São memórias que surgiram a partir de fotografias, reportagens, documentos, croquis e, principalmente, do acesso à memória das pessoas envolvidas. Memórias que não foram apenas um retorno a um passado imutável, mas que ao serem narradas, lembradas e relembradas, adquiriram novos contornos para o desenvolvimento desta pesquisa.

Finalizando a pesquisa produzimos este material com o objetivo de estimular o diálogo e a troca de conhecimentos entre professores, alunos, pesquisadores e demais profissionais atuantes nos segmentos interessados na valorização patrimonial e na área de Arquitetura e Urbanismo na cidade de Juiz de Fora.

A construção da maquete física de uma edificação requer o estudo detalhado de seu projeto, geralmente representado através de expressões gráficas e textuais. Contudo, diante de uma edificação de caráter icônico, a importância e a necessidade de uma compreensão sócio histórica tornou-se o diferencial para o processo de construção da maquete proposta por esta pesquisa. Contribuindo, por fim, de maneira significativa para o estudo da arquitetura e suas vertentes. A maquete tornou-se um meio (de estudo, troca e construção de conhecimento, assim como, de divulgação) e não apenas um fim em si mesma.

AGRADECIMENTOS

Ao Centro de Pesquisa do CES/JF pelo apoio e incentivo. À Professora Lúcia Helena Munck, pela parceria na coordenação e no processo de desenvolvimento desta pesquisa. Aos discentes bolsistas e voluntários (Ana Carolina Carpini, Flaviana Dias, Hudson Martins e Saulo Monteiro) que, com o mesmo esforço, dedicaram seu tempo à construção deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BRACHER, D. **Décio Bracher: 60 anos de arte**. ACESSA.COM, 31 mai. 1999. Disponível em: <<http://www.acesa.com/arquivo/agenda/artistas/1999/05/31-decio>>. Acesso em: 08 fev. 2007.

CONSALEZ, Lorenzo. **Maquetas - La representación del espacio em el proyecto arquitectónico**. México: G. Gili, 2000.

CRISTOFARO, Valéria de Faria. **Patrimônio Vivo: bens materiais e imateriais**. Juiz de Fora: Edufjf, 2005.

DORNELAS, Roberto. **Fotos e negativos**. Material cedido pelo fotógrafo ao Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. Consulta em 2007.

FERNANDES, Fernanda. **A Vitória da arte e do simples**. Caderno B / Tribuna de Minas, Juiz de Fora, 17 e 18 de dez 2006.

LOPES, Clevane Pessoa de Araújo. **Architectura, Olhares e os Bracher...** Publicação on line Recanto das Letras, 16 mai. 2006. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/156917>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2007.

MACEDO, Oigres Leici Cordeiro de. **Francisco Bolonha, modernidade insigne**. In: Docomomo Brasil IV, 2001, Viçosa - Cataguases. Disponível em: <<http://www.dau.uem.br/professores/macedo/bolonha4docomomo.html#ftn13>>. Acesso em: 20 fev. 2007.

MARQUES, A. C. **Entrevista**. TV VISÃO Juiz de Fora. Programa À Moda da Casa - Especial Murilo Mendes. Exibição em: 12 de Junho de 2007.

MAZÓCOLI, Hamleto. **Criação da Universidade de Juiz de Fora** - Relatório histórico das primeiras e principais providências relativas à criação da Universidade. Juiz de Fora, 1998.

_____. **Minha contribuição nos primeiros passos para a criação da Universidade**. 2º trabalho. Juiz de Fora, 1999.

MAM - **Museu de Arte Moderna Murilo Mendes**. UFJF. Disponível em: <<http://www.mam.ufjf.br>>. Acesso em: 08 fev. 2007.

OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Juiz de Fora: Vivendo a História**. PJF. Disponível em: <<http://www.pjf.mg.gov.br/cidade/historia.php#vivendo>>. Acesso em: 04 de jul. 2007.

UFJF. **Anteprojeto do Edifício para Sede da Reitoria da UFJF**. Juiz de Fora, 1964. MAM Murilo Mendes - em processo de restauração.

UFJF. **Diário Mercantil**. Juiz de Fora, 1960-1970. Diário.

UFJF. **Jornal Correio da Mata**. Juiz de Fora, 30 de jun de 1966.

VIARD, Henrique. **Fotografia**. Tribuna de Minas, 16 dez. 2006. Disponível em: <www.tribunademinas.com.br/extra/fotos.php?pagina=94>. Acesso em: 05 mai. 2007.